

Ensinar e aprender na realidade hiperconectada

Eliane Schlemmer

Post - Facebook

15/08/2020

Em formas pandêmicas do habitar a comunidade dos dados, Massimo Di Felice refere:

"Uma das coisas que a pandemia nos ajudou a entender é o fim da ideia de independência e autonomia de nossa espécie... Em uma rede complexa, formada por pessoas, dados, circuitos, software, vírus, a ação é sempre compartilhada e cada membro só pode agir quando conectado e influenciado por outros co-habitantes e co-cidadãos. A comunidade que somos e vivemos não é aquela descrita por E. Durkheim ou F. Tonnies. Não somos mais apenas nós, humanos, que agimos e decidimos, mas uma complexa rede de entidades das quais dependemos ou com as quais temos que lidar. As últimas gerações de redes transformaram nossa realidade e nosso mundo em dados. A internet das coisas, a difusão de sensores em todos os tipos de superfícies, os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) criaram um processo transfigurativo que alterou todas as superfícies de dados, posteriormente colocando-as na rede e interagindo entre si. Esse processo gerou uma ecologia interativa em que os produtos que compramos no supermercado, a floresta amazônica, os oceanos, a temperatura e o nível de chuvas estão em diálogo e correlação. Não apenas dependemos de dados para agir, mas nosso mundo é o resultado das múltiplas interações entre as diferentes entidades, humanas ou não, que atuam junto conosco e que coabitamos." (Di Felice, 2020)

A partir do que apresenta Di Felice e fazendo uma aproximação com a Educação entendo que nessa realidade hiperconectada, resultante da hibridização do mundo físico, biológico e digital, a qual vem transformando o mundo em dados,

é preciso problematizar o habitar do ensinar e do aprender e a nossa visão antropocêntrica do mundo.

A ação de um vírus parou o mundo, impossibilitando os deslocamentos nos espaços geográficos e provocando o isolamento físico. A ação das tecnologias digitais em rede nos possibilitou deslocamentos nos espaços digitais, nos conectando ainda mais, evitando o isolamento social e permitindo que o mundo continuasse a se mover, de outra forma, é verdade, mas fato é que não ficamos parados e estamos aprendendo muito com isso tudo.

Aprendemos que a nossa visão antropocêntrica de mundo nos fez acreditar que somos o centro de tudo, quando na verdade, somos parte de uma rede que conecta diferentes entidades como refere Di Felice, sendo nós, humanos, uma dessas entidades.

Aprendemos que entidades não humanas, como os vírus e as tecnologias digitais, atuam sobre nós, sobre o mundo, nos modificando, modificando o mundo, ou seja, a ação de cada entidade interfere nessa rede ecológica da qual somos co-membro.

Eu poderia ficar aqui, por horas, compartilhando tudo o que eu aprendi e ainda estou aprendendo com essa pandemia e, certamente, cada um que está lendo esse post também tem muito a compartilhar sobre isso... e convido a fazê-lo, por meio de comentário. Estamos conectado com e por essa tecnologia digital, o que possibilita o encontro e permite criarmos uma rede que fale das nossas aprendizagens, sem fronteiras de tempo e de espaço ou limite de pessoas... e esse é apenas um exemplo.

Isso tudo nos leva a questionar o habitar do ensinar e do aprender e nos instiga a cocriar a Educação nessa realidade hiperconectada, em rede, plataformas e a construir ecossistemas de inovação numa #Educação_OnLIFE.

Mas como fazer isso tendo como subsídio epistemologias, teorias, metodologias e práticas constituídas num tempo pré-digital e, cujo modelo de escola ainda é, predominantemente, massificador, reprodutivista, homogenizador?

Talvez, olhar reflexivamente para as vivências construídas nesse tempo e como fomos aprendendo, possa nos ajudar a ter elementos que permitam

compreender qualitativamente a potência que essa realidade hiperconectada tem para a Educação. É preciso compreender as redes que nos conectam, que criam multiversos de natureza híbrida, transformando a nossa realidade e superar as concepções teórico-epistemológicas e metodológico atuais.

Mais do que uma teoria da ação, ato conectivo, enquanto emersão conectiva de si e do mundo, portanto, transorgânico, conforme propõe Di Felice (2017). No lugar das dicotomias (sujeito - objeto, offline - online) e das centralidades (ora no conteúdo, ora no professor, ora no aluno), a rede, numa ecologia interativa. Para além de metodologias ativas e resolução de problemas, metodologias inventivas e invenção de problemas (Schlemmer, 2018). No lugar da compreensão de tecnologia como ferramenta, a compreensão das tecnologias como forças ambientais que modificam, conforme Floridi (2015), quem somos, nossas interações e como nos socializamos, nossa concepção de realidade e nossas interações com essa realidade.

Enfim, mais do que uma educação presencial, online ou ainda híbrida, uma #Educação_OnLIFE, ou seja, ligada, conectada na vida, a partir da problematização do mundo presente, potencializando a invenção.